

OS
ANOS DE
OURO DA

PULP FICTION

PORTUGUESA

COM ORGANIZAÇÃO DE
LUÍS FILIPE SILVA
E COLABORAÇÃO DE LUÍS CORTE REAL

O género policial, as aventuras e ficção científica raramente têm seduzido os nossos escritores – que, aliás, tentando tais géneros encontram as maiores dificuldades em serem publicados... a não ser sob pseudónimos estrangeiros.

JOSÉ BLANC DE PORTUGAL, 1962

O pai lê o jornal, ou os jornais, quando não se afunda em qualquer livro de sabor clássico. Um filho devora, com fantasia, um desses livros tipo Júlio Verne! À mãe deu-lhe para os romances policiais: vai quase no fim e exige silêncio para não se distrair. A filha tem entre mãos um romance cor-de-rosa e fecha-o de vez em quando para sonhar. [...] Se cada um lê pela sua cartilha, não admira que, dentro de pouco, cada um puxe para seu lado.

ZACARIAS DE OLIVEIRA, 1955

Actualmente há uma invasão de pequenas novelas juvenis de aventuras e ficção científica, que pode permitir, em especial a pré-adolescentes com carências culturais de vária ordem, um contacto prolongado com o livro e um trampolim para o futuro acesso à literatura.

JOSÉ ANTÓNIO GOMES, 1993

Apareceram autores que eram considerados menores, como o Ross MacDonald ou o Frank Gruber, e que eu utilizava também como suportes do trabalho que eu queria fazer. Lia-os com o meu americano, sabia como é que diziam as coisas, aquela forma seca. [...] Um dia, a minha filha estava para nascer, e eu precisava de vinte contos, fui falar com o Roussado Pinto. E ele disse: «Está bem, ganhas vinte contos, mas fazes três romances policiais com um nome americano, como eu faço». [...] Foram três livros que fizeram escola: as pessoas perceberam o que eu queria fazer, perceberam que ali estava o veículo para uma nova literatura.

DINIS MACHADO, 2006

*Ele abriu os olhos a muito custo e depois mexeu os lábios. Por fim articulou:
- Onde... estou?
- Estás no céu, Frank - tranquilizei-o. - E eu sou o S. Pedro. Mas está aí a vir um anjinho que já vai tratar de ti.*

FRANK GOLD

A minha mente funcionava como a mente de um condenado.

ROSS PYNN

ORIGEM DOS CONTOS

«SEGUNDO SOL», Ruy de Fialho, inédito. Reproduzido a partir da versão inédita de *Histórias de Guerra*, n.º11, Outubro, E.S. Grupo Editorial, Gaia, 1948.

«A EXPEDIÇÃO DOS MORTOS», Joachim Hunot (Ana Sofia Casaca), reproduzido a partir da edição original, em 2 partes, nos números 31 e 32 (Maio e Junho) das *Histórias de Além Mar*, Edições Exemplares, Porto, 1949.

«A ILHA», João Henriques, originalmente publicado em Contos de Assombração, série II, n.º 3, Março, auto-edição, Funchal, 1952. Reproduzido a partir da republicação em *A Voz do Povo*, coordenação de Vasquez Morgado, Ed. Antónimo, Lisboa, 1976.

«PENA DE PAPAGAIO», A. M. P. Rodriguez, reproduzido a partir da edição original em *Falcão Lusitano*, série III, Verão, Edições Exemplares, Porto, 1954

«O SENTINELA E O MISTÉRIO DA ALDEIA DOS PESCADORES», Orlando Moreira, inédito.

«HORROR EM SANGRE DE CRISTO», Maxwell Gun (Marcelo Augusto Galvão), originalmente publicado em *Maxwell Gun* n.º45, Distribuidora Internacional Brasil, S. Paulo, 1971. Reproduzido a partir da colectânea portuguesa Entre-Mundos: Estórias Tenebrosas de Maxwell Gun, Livraria Atlântico, Lisboa, 1979.

«O INCONSCIENTE», Tiago Rosa, reproduzido a partir da reedição em *Tenebras*, n.º 72 (Abril), Gráfica Olissipo, Almada, 1946.

«NOITE DO SEXO FRACO», Ludovico Bombarda, reproduzido a partir da edição original em *A Voz do Povo*, coordenação de Vasquez Morgado, Ed. Antónimo, Lisboa, 1976.

«PIRATA POR UM DIA», de Gabriel Salema (Sónia Louro), originalmente publicado, com cortes, no n.º 61 (Novembro) das *Histórias de Além Mar*, Edições Exemplares, Porto, 1951. Reproduzido a partir da republicação, na versão integral, em Flibusteiro, Impostor, Encantador, Saraiva & Filhos Editorial, Viseu, Setembro de 1979.

«VALENTE», de Fausto Boamorte (Guilherme Trindade Filipe), originalmente publicado a partir da edição original em *Falcão Lusitano*, série III, Setembro, Edições Exemplares, Porto, 1958.

«O AMALDIÇOADO DE ISH-TAR», Artur de Carvalho, reproduzido a partir da edição original em *Falcão Lusitano*, série I, Abril, Edições Exemplares, Porto, 1943.

«NOITES BRANCAS», Ana Sofia Casaca, originalmente publicado anonimamente em *Sopa de Pedra*, n.º 3, editor e localização incógnitos, 1966. Reproduzido a partir da republicação em *A Voz do Povo*, coordenação de Vasquez Morgado, Ed. Antónimo, Lisboa, 1976.

«MAIS DO MESMO!», de João Barreiros (Roger C. Bester), originalmente publicado, com cortes, em *O Futuro A Nós Pertence*, vários autores, Afronto Livraria & Editora, Coimbra, 1980. Texto integral reproduzido a partir de *O Relojoeiro do Mundo Invertido: Histórias de João Barreiros*, Casa Editorial do Instituto de Ciências Aplicadas, Setúbal, 1993.

DEDICATÓRIAS

A Ed Fawry, Ross Pynn, Edgar Caygil, Charles Hamond, Saint Kasymir, Thomas Birch, James Black, Fred Criswell, Marcel Durand, Max Felton, W. Joelson, Nelson MacKay, Peter O'Brion, James W. Sleary, Pierre Souvestre, Joe Waterman, Henry Dalton, Philip Gray, Rusty Brown, Dennis McShade, Dick Haskins, Frank Gold, W. Strong-Ross, Wallace B. Thurston, e outros tantos que se perderam na memória.

Aos seus lusos contrapartes, e não só, Roussado Pinto, José Rosado, Vasco Santos, Mário Domingues, Artur Cortez, Dinis Machado, Francisco Valério Azevedo, António Andrade de Albuquerque, Luis de Campos, João de Sousa Fonseca, José Ruy, Luíz de Mesquita, Vitor Peón, Reinaldo Ferreira, Jayme Cortez, Romeu de Melo, José Garcês, Stuart Carvalhais, Eduardo Teixeira Coelho, Frederico Cruz, Alves Morgado, Mário Henrique-Leiria, Carlos Alberto Santos, Lima Rodrigues, e demais autores e autoras, editores, ilustradores e contribuidores que, ao longo das décadas, têm mantido acesa a literatura de género em língua portuguesa.

À Zakarella, Peter Maynard, Joe Stassio, Aká, Dr. Duque – o Cartomante do Raciocínio, Major Calafáia, Mosqueteiro do Ar, e restantes aventureiros que, com maior ou menor desenvoltura, defrontaram os vilões de papel, mas não conseguiram derrotar o grande vilão da rotatividade das livrarias. Ao Pluto, Jornal do Cuto, Mundo de Aventuras, O Grilo, Diabrete, Mosquito, Condor, Titã, Valente, Cavaleiro Andante, Repórter X, Capitão Morgan, Papagaio, Senhor Doutor, Tic-Tac, Carlitos, Faísca, Detective, e a tantos outros: as nossas infâncias agradecem.

A Burroughs, Haggard, Howard, Lovecraft, Hammett, Kuttner, Moore, Brand, Hamilton, Siodmak, E. E. «Doc» Smith, Brackett, Williamson, Gardner, Gruber, Queen, Chandler, Cave, Bradbury, Brown, McCulley, Wren, L'Amour, Spillane, Grey, Cooper, Thompson, Howden Smith, que desbravaram caminho.

A Frank Munsey, avô de todos eles, que teve o discernimento de entender que a história tem mais importância que o papel em que é impressa e abriu de par em par as comportas da ficção destinada ao grande público.

À ficção popular, a mais efêmera das literaturas. Todos os autores anseiam pela imortalidade. Escrevê-la é desenhar na areia antes que suba a maré. Esta é a história da história que devia ter sido.

LUÍS FILIPE SILVA

Para a avó Bi, que me apresentou a tantos livros e autores fundamentais para ser quem sou. Provavelmente, sem os teus policiais velhinhos, esta antologia não seria igual. Adoro-te, avó.

LUÍS CORTE REAL

ÍNDICE

- INTRODUÇÃO GERAL ... 13
Luis Filipe Silva
- O SEGUNDO SOL ... 29
Ruy de Fialho
- A EXPEDIÇÃO DOS MORTOS ... 51
- PRIMEIRA PARTE
Joachim Hunot
- A EXPEDIÇÃO DOS MORTOS ... 69
- SEGUNDA PARTE
Joachim Hunot
- A ILHA ... 87
João Henriques
- PENA DE PAPAGAIO ... 111
A. M. P. Rodriguez
- O SENTINELA E O MISTÉRIO DA ... 129
ALDEIA DOS PESCADORES
Orlando Moreira
- HORROR EM SANGRE DE CRISTO ... 159
Maxwell Gun
- O INCONSCIENTE ... 191
Tiago Rosa
- A NOITE DO SEXO FRACO ... 205
Ludovico Bombarda
- PIRATA POR UM DIA ... 225
Sónia Louro
- VALENTE ... 249
Fausto Boamorte
- O AMALDIÇOADO DE ISH-TAR ... 267
Artur de Carvalho

NOITES BRANCAS ... 303

Ana Sofia Casaca

MAIS DO MESMO! ... 325

João Barreiros

AGRADECIMENTOS ... 412

ÍNDICE REMISSIVO ... 414

INTRODUÇÃO

Quando, há quatro anos, me deparei inadvertidamente com uma revista antiga cujo logotipo ostentava uma ave em pleno vôo enquadrada no título *Falcão Lusitano*, estava longe de imaginar o longo percurso de arqueologia literária que então se iniciou. Um percurso que iria revelar pormenores poucos conhecidos sobre a história de Portugal do século XX, sobre autores e histórias e publicações que, talvez por pertencerem a um género popular e de consumo rápido, raramente sobem à ribalta da memória cultural e acabam por sucumbir, fossilizados, ante o peso das obras a que dedicamos mais atenção.

Somos uma espécie narrativa. Contar histórias está-nos no código genético, atravessa culturas e eras. Usamo-las como espada contra o esquecimento, contra a passagem do tempo, transmitindo para as gerações seguintes a *experiência* de pertencer à geração anterior. Com maior eficiência do que listas de factos e datas, a ficção dá primazia ao contexto, estabelecendo um paralelo entre o íntimo da audiência – e todas as suas convicções, anseios, desejos ou buscas – e o íntimo do criador. O pequeno e contínuo milagre da linguagem atravessa as eras e permite a única e genuína viagem no tempo.

É esta a viagem que a presente obra propõe realizar – uma viagem que nos leva a conhecer a história secreta, por assim dizer, da ficção popular portuguesa.

Maculada concepção

Estava-se nos confins de África quando estas palavras surgiram.

Cercados!

Perseguidos pelos Igboz ferozes cujos pagãos cânticos de morte se escutam atrás deles cada vez mais perto! À direita a correnteza inclemente do rio Nbombo, capaz de dilacerar membros e cabeça do pobre homem que tivesse a pouca-aventurança de mergulhar nas suas águas! Adiante, o rio tombava numa queda vertiginosa no desfiladeiro que lhes cortava a passagem! E nem pela esquerda o nosso valente grupo tinha fuga possível: os homens do capitão Massud cortavam caminho pela selva com a pressa de os alcançar!

O padre Dias benzeu-se.

«Pela graça do Senhor, que nos proteja destes acólitos de Mamon!»

O coronel José Artur pousou uma mão no ombro do padre.

«O Senhor nos dará força e iluminará a nossa Salvação. Mas, padre, talvez devesse sossegar a alma da pobre Maria, que se mostra aterrorizada..»

Foi quando se escutou da donzela um grito que dilacerou o coração dos dois homens. O coronel aproximou-se da jovem dama, convicto de que teria sido atingida por uma seta daquelas criaturas selvagens!

«O que foi, menina?»

«Uma aranha! Uma aranha na sua roupa, coronel! Ai, uma aranha!»

«O VELHO DO LOBITO», António Carvalhal Duarte

Ainda que a história tenha sido publicada anonimamente em início da década de 1910 num pasquim de Luanda de vida breve que se dedicava a mexericos da sociedade lisboeta e opiniões exaltadas sobre o Governo acabado de instituir, hoje assume-se com alguma fiabilidade que o criador de «O Velho do Lobito» fosse o cônego António Carvalho Duarte. Figura de intensas opiniões políticas e queda para o jogo, decidiu repentinamente, ante o estertor final do reinado de D. Manuel II, mudar-se para a colónia africana sem avisar nenhum dos seus conhecidos, escolhendo um lugar tão recôndito que credores e republicanos não o conseguissem encontrar: a povoação que viria a ser conhecida por Cidade do Huambo.

O conto não passa de uma sequência de reviravoltas de enredo com pouco encaadeamento lógico, saturada de pontuação exaltada e personagens artificiais, e padecendo de uma falta de sensibilidade perante minorias, mulheres, estrangeiros e tudo o demais que não se enquadrasse nos espartanos critérios do autor e da época. É notória a influência de H. Rider Haggard, uma das leituras preferidas do cônego, sendo fácil identificar semelhanças entre Allan Quatermain e o coronel José Artur. Nesta narrativa, e nas cinco que se lhe seguiram, cada qual mais misógina e racista, é possível encontrar, no entanto, uma capacidade invulgar para o insólito e para a fantasia de inspiração bíblica: em «Os Reis Gémeos do Huambo» assistimos à reinvenção da história de Caim e Abel, enquanto que «A Cidade Esmeralda» apresenta uma civilização de selvagens capaz de induzir os exploradores brancos em pecado e que acaba por tombar como Sodoma e Gomorra.

É nas descrições fervorosas destes grandes temas que se revela a melhor prosa de Carvalho Duarte – e são elas, sem dúvida, o motivo pelo qual António Assunção decidirá republicar os contos quarenta anos depois, na breve *Falcão Lusitano – Grandes Clássicos de Aventura*, salvando o texto do esquecimento e permitindo ao Prof. Dr. Ventura Matias defendê-lo como sendo «o pioneiro da ficção popular portuguesa»:

A literatura de cordel liberta-se do modelo proposto por Dumas e seguido por Chagas, Corvo e Silva Gaio, ganha contornos de Verne, assume a liberdade do exótico, da acção frenética, do modelo estereotipado que incita à vertigem da leitura. Não estamos perante o romance *de cape et d'épée* [capa e espada] ou o folhetim de índole histórica, mas de uma apropriação do mundo para edificar a fábula e por esse meio alcançar o transcendental¹.

Escrita rápida de acção frenética, pejada de estereótipos e fórmulas narrativas, decorrendo em cenários exóticos ou à margem da sociedade, com o fim único da sedução da leitura pela leitura: assim se dava início a uma tradição muito própria de narrativas populares, ou, fazendo um paralelo a nível de estilo, intenção e época histórica com a congénere norte-americana², a *pulp fiction* portuguesa.

1 - *Histórias a Galope: O Ímpeto Narrativo da Ficção Popular*, Lisboa, 1989, p. 59.

2 - Paralelo que é amplamente argumentado e defendido por Ventura Matias, *ob. cit.*, e particularmente, por Vasquez Morgado, que afirma, em «Que Voz É Esta», introdução à antologia *A Voz do Povo* (1976), por si organizada: «[na ficção popular] habitam os apetites das gentes comuns, habitam os medos e os pecados e as bem-aventuranças daqueles nascidos desta terra e à terra fadados, anseando por um momento de liberdade ilusória; são as narrativas da espuma dos dias, amplificadas na sua glória de mundanidade, como se o paraíso do Homem Livre se alcançasse cerrando ainda mais os olhos para dormir eternamente» (p. ix). Num registo mais sóbrio, Matias esclarece que «é legítimo atribuir tal denominação quando o objectivo essencial das duas culturas se confunde: o texto saturado de história, a pingar de enredo... estruturas narrativas simples, vendidas a preços muito

Mesquita dá o passo em frente

«Do alto caíam como perdizes atingidas por caçadores certos. Dizia-se que não haveria artilharia capaz de penetrar na carapaça dura e inviolável dos junkers alemães, e no entanto, ali estavam Lorde Whimpsey e os seus rapazes, acabados de chegar com novo canhão Spitfire, concebido e produzido em segredo para demonstrarem como estávamos errados. Uma única peça de tiro, um reduzido número de projecteis, e abriam-se buracos no céu repleto de mosquitos, entrava o sol e os nossos rapazes soltavam Vivas! Não há visão como a da esperança. Não há alívio como a da solução encontrada. Quem sabe se aquela batalha de desfecho inevitável não terá um outro final?»

«O FURRIEL ALMEIDA E A CONQUISTA DO ROVUMA»,
AMP Rodriguez (1925)

Depois dos primeiros passos de Carvalhal Duarte, o fenómeno da *pulp fiction* demora a consolidar-se. O turbilhão político e social do país, aliado ao advento da Primeira Guerra Mundial, remete os leitores para os jornais, onde se publica a grande maioria da ficção popular, à mistura com as notícias (e nem sempre a fronteira entre ambas é nítida). Não se trata esta da ficção sobre a «transcendência do mundano», mas histórias centradas na realidade imediata e familiar, com pendor para mexericos, escândalos e maldizer – se surgem salpicadas à vez com supostas entrevistas a espíões descobertos em território nacional ou com episódios das Forças Expedicionárias, estes relatos são esporádicos, de índole sensacionalista e sem uma consciência de género.

Subjacente também ao conceito de *pulp fiction* está a noção de indústria, de produção massificada de histórias por escribas a soldo que respeitavam prazos, tamanhos, temas e linguagem. Efectivamente, só em finais da década de 1910 será possível encontrar as primeiras publicações que apresentem tais características, com destaque para a sequência de revistas iniciada por Mário de Mesquita: *Histórias Fantásticas*, *Aventuras para Rapazes*, *O Ardina do Rossio*, entre outras.

A experiência de Mesquita enquanto jornalista ajuda-o na preparação destas edições baratas, acabadas à pressa e com poucos meios, de entre eles papel de baixa qualidade e ilustrações feitas pelo próprio. Estabelece um acordo de exclusividade com a tipografia Guerra e pede ajuda a amigos e antigos colegas para colaborarem com material – entre eles, encontra-se o efémero grupo dos Sonhadores (Diniz Fagundes, Alberto Teles e particularmente, Tiago Rosa), que o irá convencer a tomar a decisão mais ruinosa da sua empresa ainda nascente, a de financiar a impressão da revista anti-Modernista *O Sapo de Fraque*. Alvo de forte polémica pela crítica aberta a figuras da época, a revista cessa a circulação ao quarto número, quando um grupo de rufias

acessíveis e sem intenção de durar... e acima de tudo, em forma de avalanche produtiva, ubíqua e profícua, tentando ocupar todo e qualquer momento de ócio do público... preparando terreno para o espaço actualmente conquistado pela televisão...» (pp. 72-73). O vaticínio de Morgado é terrível: «Entrado na Nova Era, o Homem Material – mais sensato, mais educado, mais livre – irá despojar-se desta necessidade de perder-se na inexistência do irreal, e, qual mancebo que revive a infância, encarar com um sorriso as palavras ingénuas, mas perniciosas, do tempo em que, oprimido, delas necessitava para respirar» (p. vi). Felizmente, e não obstante o ocorrido no final dos anos 60, a ameaça não chegou a concretizar-se na totalidade.

percorre as bancas e tabacarias da capital a destruir os exemplares remanescentes e a ameaçar os donos caso voltassem a vendê-la. Este acontecimento irá ter repercussões nas outras revistas de Mesquita, às quais é também recusada a distribuição, forçando-o a encarregar-se pessoalmente da mesma (atitude que nos faz lembrar da situação de João Henriques na Madeira algumas décadas depois).

Para fazer face às crescentes dívidas, Mesquita decide apostar num acelerar das vendas. Para tal, multiplica as edições e diminui substancialmente os preços em busca de maior audiência. Incapaz de pagar aos colaboradores, vê-se forçado a produzir, por sua própria mão, conteúdos integrais, assinando com diversos pseudónimos e não tendo sequer capacidade de rever ou emendar os textos. A qualidade sofre consideravelmente, e só em 1927, com o incêndio da tipografia Guerra que destrói o *stock* remanescente, acompanhado de uma fuga precipitada de Mesquita para o Rio de Janeiro, é que esta avalanche desgovernada encontra um final. De notar, no entanto, a pérola que foi *Histórias Misteriosas*, da qual sairão trinta números, por ter revelado ao público as primeiras narrativas do misterioso A. M. P. Rodriguez e do Furriel Almeida – sem contar com o próprio *Sapo de Fraque*, no qual Tiago Rosa publicou o brilhante «O Homem Irrisível», do qual infelizmente não restam cópias conhecidas.

Se a experiência de Mesquita não foi, a nível pessoal, bem sucedida, acabou por tornar-se num involuntário pontapé de partida para iniciativas alheias – em particular, o aparecimento de António Assunção, principal editor do género. Leitor incansável dos *pulps* americanos, Assunção menciona por mais de uma vez que o exemplo de Mesquita, não só lhe mostrou que era possível publicar este tipo de narrativas em português como indicou de forma quase enciclopédica os erros a evitar.

De referir ainda que, durante a década de 20 e longe destas andanças, Ruy de Fialho apresentava as desventuras do irónico Visconde de Valdevez n' *A Visão Insular*, e Ana Sofia Casaca dava os primeiros passos no género, embora estivesse distante no tempo e no espaço a importante influência desta autora na nossa literatura.

O Despertar dos Deuses: Assunção e Silveira

Se a década de 1920 serviu para demonstrar a apetência do público português pela ficção adjectivada e lançar o convite a autores e editores que quisessem arriscar no desenvolvimento deste género, a década de 1930 foi palco de uma enchente de criatividade, à medida que se lançavam experiências e se faziam testes, até se perceber o que mais caía no agrado. Destas, as iniciativas mais significativas serão, sem dúvida, as de António Assunção e Edgar Silveira, os quais, primeiramente juntos e a seguir em separado, irão moldar a *pulp fiction* que se publicaria nas décadas seguintes e determinar o seu futuro.

A viragem da década vem encontrar António Assunção já em plena actividade. De origens humildes, proveniente de uma terreola de Trás-os-Montes, Assunção chegou ao Porto aos 16 anos «de bolsos rotos e pés descalços»³, mas repleto de ambição. Começou a trabalhar para o semanário *Alvor do Minho* como moço de recados, mas em breve trazia também notícias para a redacção; tanto insistiu, que foi incumbido

3 - *A Expedição do Acaso*, Ana Sofia Casaca, 1975, p. 124

de relatar a chegada a S. Bento de um famoso cantor brasileiro. Foi o início de uma carreira jornalística que o levaria a percorrer o país e, posteriormente, a ser nomeado como correspondente estrangeiro em Nova Iorque. A sua permanência de três anos nesta terra permitir-lhe-ia ter contacto com os *pulps*, com destaque para a *Weird Tales*, *Flying Aces*, *Argosy*, e, claro, a *Black Mask*.

A popularidade das revistas impressiona-o e será precisamente este modelo que vai querer importar para o território luso⁴ quando regressa, em 1927. Convence um tímido pediatra bracarense, de nome Edgar Silveira, assíduo participante do correio dos leitores do jornal, com quem travara amizade, a investir a sua recém-obtida herança no sonho de uma editora para as massas. Silveira concorda (contra a vontade da própria família, que chamava oportunista a Assunção), e a parceria tem início. Em breve começam a surgir nas bancas títulos como *O Mascarilha*, *O Capitão Preto*, *Aventuras Maravilhosas*, entre outros, sob a chancela da Casa Editorial Régua e Esquadro.

Ao contrário do esforço de Mesquita, Assunção aposta correctamente na qualidade do conteúdo, polindo o estilo, alterando enredos, afinando o ritmo e intensificando as cenas de acção. A experiência no jornalismo ensinou-o a cativar as audiências em poucas palavras e a cortar os parágrafos mortos. Também ele será autor de alguns contos – principalmente os dos números inaugurais, que sentia necessitarem de um empurrão inicial –, mas nunca se deixou cair na tentação de produzir sozinho conteúdos integrais. O seu foco estava em organizar os meios para obter um produto vendável. Com o apoio de artistas locais, enche as páginas de ilustrações dramáticas e, recorrendo aos contactos jornalísticos, rodeia-se de um manancial de autores jovens, capazes de entender e corresponder às directrizes narrativas. Assegura um bom acordo com as distribuidoras. Investe na promoção junto dos jornais, por meio de anúncios e excertos da abertura de sagas cuja conclusão obriga à compra da respectiva revista. E em breve vê subir o volume de vendas, nas quais se incluem já exportações para as colónias e o Brasil.

Quando Ana Sofia Casaca, a baronesa austro-húngara caída em desgraça que se radicou no Porto e sobre a qual falaremos mais adiante neste livro, entra na vida de Assunção, já este possui um empreendimento de dimensão respeitável. Mas os anos realmente frutíferos apenas têm início quando Casaca cede à pressão do marido e retoma a escrita. Se a *Senda do Crime* já incluía histórias românticas de detectives empedernidos que defrontavam o mais feroz dos vilões mas soçobravam perante a atraente donzela, a presença de Casaca, sob o pseudónimo de Guilherme Conde, vai imbuir a revista de uma energia muito própria, repleta de energia e desapego urbano.

Nem mesmo os rigores da Segunda Guerra e o racionamento de meios vai prejudicar em grande medida a actividade de Assunção, que se mostra seguidor convicto dos princípios do Estado Novo e rapidamente estabelece amizade com personali-

4 - É interessante fazer um paralelo com a história de António Silveira que, quase uma década depois e invejoso do sucesso financeiro do irmão Edgar, se inspira, também ele, nos *pulps* americanos, no decorrer de uma viagem de lazer a Nova Iorque; profundo desconhecedor do género, inclusive confessando o seu «desprezo pelos temas imbecis» (segundo correspondência trocada com o irmão), decidiu-se pelo plágio directo do personagem *The Shadow*, que em português assumia a identidade do «Vigilante», contratando estudantes universitários para traduzirem as narrativas norte-americanas e as adaptarem minimamente para o espaço lusitano de modo a evitar o pagamento de direitos. Não contou com a possibilidade de haver interessados em produzir uma edição legítima daquele personagem nem que lhe colocassem um processo judicial, o qual veio acabar definitivamente com a sua carreira de editor.

dades influentes. É, aliás, nesta fase que vai surgir a *Falcão Lusitano*, cuja presença se impôs desde o primeiro número, em 1941, e que irá manter uma presença regular nas bancas ao longo de duas décadas e meia e cerca de trezentos números repartidos em quatro séries – sem considerar um conjunto de números especiais, a *Falcão Lusitano* – *Grandes Clássicos de Aventuras*, bem como antologias bienais com a compilação das melhores histórias seleccionadas pelo público⁵. Vários estudiosos consideram a *Falcão Lusitano* como sendo a revista charneira do género, tendo publicado de forma consistente durante um largo período os melhores autores e as histórias mais marcantes e, de certa forma, servindo como referência para identificar os anos dourados do género, bem como os valores que representavam. Se as opiniões dos críticos não são consensuais, os números são claros – em termos de exemplares impressos, vendas e receitas geradas.

Este sucesso manter-se-à relativamente estável durante as décadas de 40 e 50, apenas perturbado pelas naturais flutuações de gostos, públicos e mercado, e ocasionalmente, por questões de índole pessoal (entre elas, o fim da parceria com Silveira e o episódio «A. M. P. Rodriguez»). Só em inícios dos anos 60, com o aumento das edições brasileiras importadas e a entrada de novos concorrentes de grande dimensão no mercado – entre eles, a Agência Portuguesa de Revistas e a Distribuidora Internacional (esta, criada por um antigo colaborador de Assunção) – é que o domínio das Edições Exemplares começa a ser contestado.

Ainda assim, vai ser necessário um cataclismo para conseguir abater de vez o paquiderme. Esse cataclismo chamar-se-á Ano Negro e mudará para sempre o feitio da *pulp fiction* no nosso país. Mas, antes de falar dele, é preciso apresentar o Sentinela.

Sobre leões e homens

Em Junho de 1940, inaugura-se a Exposição do Mundo Português, pejada de simbolismo e propaganda oficial que apresentam um país de raízes históricas a par de um ideal de progresso – com o acordo de uns e o desacordo de outros. Poucos dias após a inauguração, descobre-se, a passear calmamente ao longo do rio, um indivíduo que enverga um fato tingido em cores berrantes, trazendo à cintura uma faixa de ferramentas e, a cobrir os olhos, óculos de aviador. Os jornais referem que se limitou a sorrir para as crianças e cumprimentar as pessoas, sem provocar distúrbios. Há quem o associe a um circo. Apenas os leitores assíduos da *pulp fiction* percebem a referência.

É impossível que esta manifestação bizarra passe incólume na sociedade conservadora de então, e o indivíduo rapidamente será apreendido pela polícia. O que lhe terá acontecido ou de quem se tratava, não há memória, pois não volta a ser mencionado pelos jornais.

Semanas mais tarde surge o segundo. Depreende-se que não se trate da mesma pessoa por que são distintos os traços físicos referidos pela imprensa. Como o primeiro, mostra-se aos visitantes da Exposição, mas este traz consigo uma faixa, que 5 - A importância da *Falcão Lusitano* não passa despercebida pela crítica nem pelo mundo académico. Matias dedica-lhe grande atenção e Morgado vai retirar dela um terço dos contos seleccionados para *A Voz do Povo*. Das várias teses que é possível encontrar nas bibliotecas das faculdades, destaque para «Retratos de Portugalidades: A *Falcão Lusitano* e o Estado Novo», do historiador Bruno Câmara, de consulta indispensável para o entendimento da *pulp fiction* portuguesa.

ergue bem acima da cabeça, à vista de todos: «O leão satisfeito é o mais perigoso de todos». É igualmente perseguido pela polícia, mas consegue escapar-se.

A imprensa, entretanto, percebe a alusão e vários jornais da época publicam reportagens, acompanhadas das saudosas ilustrações de Andrade Matias que adornavam as revistas da E. S. Grupo Editorial: o intrigante personagem saiu das capas da *pulp fiction*, chama-se «Sentinela» e é retratado como herói do povo.

Tal retrato não foi a intenção original do criador, Orlando Moreira, que desde o início o apresentou como um ajudante da autoridade, pertencente à LSF («Lustitia Sine Finibus»), agência secreta criada por um milionário americano excêntrico cujo objectivo é repor a justiça em qualquer parte do mundo, sem limitações jurídicas nem fronteiriças – leia-se: vigilantes que actuam nos espaços em que a lei termina.

Efectivamente, logo no primeiro conto, «O Despertar do Sentinela», Álvaro Alves, filho adoptado de um eminente professor de física e da sua esposa, os quais o haviam resgatado, ainda bebé, do interior de um barco à deriva na baía do Sado sem indícios de tripulação ou da respectiva origem, rapaz tímido e ensimesmado cujo repúdio de todas as manifestações de violência o tornavam no alvo do gozo dos colegas na escola, vê-se obrigado a defender a família quando a casa é assaltada por bandidos mascarados, que levam o professor e os documentos do projecto a que este se dedicava há vários meses. Perante a passividade da polícia, o jovem decide iniciar a sua própria investigação e vasculha as anotações do pai para tentar perceber quem eram os homens e por que estariam interessados num professor de província. Encontra apenas um nome – um homem que teria estado com o pai na véspera e que, vem a descobrir, é representante da LSF, informando-lhe que o assalto foi perpetrado por uma organização chinesa com a intenção de transformar a recente descoberta teórica do professor na arma mais poderosa do planeta («é capaz de captar a energia dos átomos e desfazer toda a matéria», escreve Moreira, numa curiosa antevisão da bomba atómica); o representante explica a finalidade da LSF e procura recrutar o rapaz, avisando-o que não tem experiência para lidar sozinho com criminosos daqueles. Não sabendo em quem confiar, o rapaz recusa, mas no fim o aviso era pertinente e o pai morre durante a tentativa de resgate. O sentimento de culpa fá-lo aceitar o convite e jurar vingança contra os inimigos da lei e da ordem, nascendo assim o Sentinela⁶.

Curiosamente, Moreira ter-se-à estreado nas *Histórias Misteriosas* de Mesquita com uma versão alternativa da origem desta personagem, mas a falta de receptividade do público, aliada à desconsideração do editor, desmotivaram-no da escrita, ou no mínimo, da ideia de voltar a publicar. Foi mera coincidência o filho ter adoecido durante uma visita a familiares no Porto e necessitar de um pediatra – e que Edgar Silveira ainda não estivesse suficientemente convencido da estabilidade do negócio editorial para encerrar o consultório. Terminam a consulta a falar dos *pulps*, com Silveira a defender *O Mascarilha* e Moreira a retorquir que as histórias desse herói eram demasiado tépidas e que ele próprio, em tempos, inventara uma personagem

6 - Descobrir a verdade a respeito das suas origens, bem como o que aconteceu na noite do resgate do pai, vai tornar-se numa obsessão para o protagonista, que Moreira explora em posteriores narrativas com grande maestria. Quem raptou o pai terá sido realmente a organização chinesa, ou a própria LSF? E se foi tudo um esquema para o forçar a entrar na instituição? Porque é que todos os agentes da sua idade eram orfãos, e como ele, foram encontrados sem a mínima indicação das suas origens? A história do barco à deriva seria verdadeira? E aquele que apertava a mão ao milionário fundador da LSF numa fotografia com vinte anos de idade, seria o pai ou apenas um jovem parecido com ele?

mais interessante. Sem abrir o jogo, Silveira pede-lhe o conto para ler – dando assim início a uma carreira literária de êxito.

Que Silveira não tenha convidado imediatamente Moreira para publicar nas revistas da Regra e Esquadro é um sinal evidente de como a sociedade com Assunção não goza de boa saúde. A questão não são as receitas, que se mantêm elevadas e a crescer – talvez o principal motivo pelo qual a parceria vai continuar até ao final da década – mas a postura de Assunção, com o seu controlo absoluto de toda a actividade e a imposição irredutível da sua vontade nas decisões, algo que contrasta fortemente com o espírito conciliador de Silveira e que o vai afastando, até se tornar, praticamente, num sócio nominal. Querendo mudar a situação em que se vê encurralado, resta a Silveira apenas uma saída: criar uma chancela em que detenha posição maioritária. Mas, para tal, precisa de material, e, não querendo prejudicar o negócio existente nem entrar em conflito directo com o sócio, resta-lhe procurar desconhecidos e aceitar histórias rejeitadas ou antigas dos autores que já contribuíam para a Régua e Esquadro. Por conseguinte, o arranque da *Detectives Fabulosos* e das recém-constituídas Publicações Gaienses será tépido, dificilmente levando Assunção a preocupar-se com aquela pequena manifestação de independência. Ou, pelo menos, até ao número de Abril de 1934, quando é publicado «O Despertar do Sentinela»...

O percurso deste herói, de figura dos *pulps* a símbolo da oposição ao Estado Novo, acontece de forma gradual e subtil, no qual o sucedido em 1940, apesar de não ter tido sequelas imediatas, pode ser interpretado como um primeiro sintoma. Sem dúvida que o Sentinela continuará a ser adorado pelas crianças e jovens, e que a sua fatiota se torna na escolha predilecta das máscaras de Carnaval. Mas será cada vez mais habitual encontrar certas citações em panfletos e cantigas e inclusive teatro de revista (com particular destaque para a insólita peça de 1952, *A Noite dos Gatos Pardos* no Teatro Maria Vitória, que talvez tenha tido mão do próprio Moreira⁷) – citações de interpretação dúbia que só os conhecedores sabiam referir-se às histórias do mascarado⁸. Seriam criadas com consciência desta ambiguidade ou era apenas a maestria narrativa de Moreira que induzia os leitores a estabelecerem paralelos com a situação do país?

Veja-se o caso da frase ostentada pelo segundo mascarado da Exposição.

Em «Os Pigmeus do Tanganica», o Sentinela é chamado para descobrir o paradeiro dos membros de uma expedição britânica ao Lago daquele nome, os quais não davam notícias há meses. Após várias tentativas frustradas, vai finalmente encontrá-los nas garras de uma tribo de pigmeus que pretende usar os prisioneiros para apaziguar o Povo Canibal. Os pigmeus são retratados como uma raça de guerreiros destemidos mas incapazes de fazer face às investidas de uma raça mais forte que se alimenta de carne humana. Perante o ataque inclemente às suas aldeias, os guerreiros fizeram um pacto com essa tribo: se fossem deixados em paz, tornar-se-iam seus escravos e caçariam por eles. A raça aceitara, mas nos seguintes termos: caso os pigmeus fossem incapazes de encontrar carne humana satisfatória, teriam de entregar voluntariamente os seus como compensação.

7 - O autor quis mudar o nome da personagem para «Gato Pardo», mas entretanto as primeiras histórias já tinham sido publicadas; Silveira, comprometido com o projecto de uma revista autónoma, *O Sentinela*, negou-se terminantemente. Moreira acabaria por aproveitar essa designação quando Assunção o convidou, em finais dos anos 50, a criar um novo herói para a *Falcão Lusitano*.

8 - Ventura Matias apresenta um rol extenso e divertidíssimo destas citações (*ob. cit.*).

Os pigmeus estão assim determinados a manter os prisioneiros a qualquer custo e não existe sequer a possibilidade de uma troca. Vendo-se incapaz de lutar contra a raça inteira, o Sentinela decide por outra estratégia, fingindo-se amigo do líder e oferecendo-se para ensinar valiosas técnicas de luta e dissimulação. Após salvar a vida de alguns guerreiros das garras de animais e assim conquistar o respeito deles, começa a questionar o pacto:

– Vocês, que conhecem a selva e os modos dos animais, digam-me: quando é que o leão deixa de ser perigoso? – os guerreiros entreolharam-se, confusos com a pergunta. Nenhum adiantou uma resposta. Álvaro voltou a perguntar a bom som: – Quando é que o leão deixa de ser perigoso?

– Quando não tem pernas?... – arriscou o da cicatriz.

– Isso não lhe tira a fome! As fêmeas caçam por ele – cortou o do nariz cortado de imediato.

– Quando está velho! – gritou outro.

– Quando está a dormir!

– Quando as leoas estão no cio! – o grupo riu-se. O Sentinela olhou de esguelha para o Chefe Alto, que se mantinha calado mas disfarçadamente ia reparando nas reacções.

As respostas sucederam-se. Finalmente, o da cara pintada de vermelho chegou à que Álvaro pretendia:

– Quando está satisfeito.

O Sentinela pareceu intrigado.

– Um leão satisfeito deixa de ser perigoso? Porquê?

– O leão de barriga cheia não precisa de comer!

– Então, é menos perigoso de barriga cheia?

– Se está satisfeito, não ataca. Fica mansinho. Até lhe podemos fazer festas... – disse o guerreiro com escárnio.

– Mesmo quando a barriga está cheia com a carne de um dos vossos?

Fez-se um silêncio de morte. O da cara pintada pestanejou nervosamente. Álvaro apontou-lhe o dedo.

– Farias festas a esse leão? Deitar-te-ias junto a ele? Deixarias o teu filho brincar com ele?

O da cara pintada ergueu a lança.

– Festas? Arrancava-lhe as entranhas ainda vivo!

– Mesmo se ele promettesse que não te fazia mal?

Novo escárnio:

– Os leões não falam.

– Mas se falassem – insistiu Álvaro, pacientemente –, acreditarias na promessa?

O guerreiro cuspiu para o chão.

– Claro que não. O que quer é comer-nos.

– O que quer é comer-vos... – Álvaro deixou as palavras assentarem. Já tinham percebido onde ele queria chegar. Ergueu a voz, para que o ouvissem bem. – O leão satisfeito é o mais perigoso de todos. É aquele que não se preocupa em ter fome, pois a caça não dá luta.

Obviamente, o Sentinela acaba por os convencer a fazer frente aos canibais e aproveita a confusão da luta feroz que se segue para salvar os ingleses e regressar a casa.

Esta fase de êxito do herói, que se prolongou durante dezasseis anos e expandiu-se além-fronteiras, vai terminar quando Edgar Silveira viaja para Paris por motivos médicos e desaparece em circunstâncias que nunca serão apuradas. Na conseqüente confusão jurídica de testamentos e partilhas, descobre-se que as empresas da E. S. Grupo Editorial estão praticamente falidas, fruto de maus investimentos – entre os quais o da revista *Histórias de Guerra* – e de desvios de fundos. O património é desmembrado e alienado a vários interessados, sendo incluídos na venda os direitos de autor d'*O Sentinela*. Moreira tenta intervir mas perde a batalha legal. Os novos donos retomam a publicação da revista, entregando o ónus da escrita a outros autores, que produzem histórias competentes mas sem o arrojo literário do seu criador. Aos poucos, *O Sentinela* vai perdendo leitores e acabará por extinguir-se de morte natural anteriormente ao Ano Negro.

Mas se a revista oficial desapareceu, o protagonista vai manter-se vivo e de boa saúde em publicações «oficiosas». O fenómeno ocasional em que admiradores escreviam e publicavam, sem autorização, contos sobre o mascarado (prática que modernamente designariamos de «*fan fiction*») intensifica-se fortemente a partir dos anos 60 e vai tornar-se frequente encontrar o herói em aventuras que continuavam ou antecipavam algumas das mais populares da sua revista, que davam novo ânimo a vilões antigos e os uniam em conluio, ou mesmo (tendência que terá conseqüências desastrosas para o género alguns anos depois) que imiscuiam o Sentinela em acontecimentos reais da actualidade portuguesa, fazendo-o prender chefes de serviço, corrigir polícias corruptos e intervir na libertação de prisioneiros políticos. Os folhetins eram distribuídos de mão em mão, através dos ardinhas, engraxadores, amoladores, barbeiros, entre outros, numa espécie de mercado paralelo, como se os próprios *pulps* tivessem também a sua versão *pulp*.

O Ano Negro vem pôr cobro a esta actividade. O Sentinela desaparece de vista e é remetido para os recantos dos alfarrabistas.

E contudo, nem este sucedido impede o intrépido mascarado de regressar ainda, numa versão infantil, para televisão, produzida no Brasil. Vinte episódios são transmitidos pelo canal português em que o musculado Tõino Martinho encarna a figura do herói que persegue bandidos e supervilões no Rio de Janeiro, e que desta vez também tem poderes telepatas. Além da popularidade da canção do genérico e do gesto que o actor fazia sempre que se encontrava a ler a mente de outra pessoa, a série contém a única aparição de Orlando Moreira no pequeno ecrã como actor convidado, que aos 70 anos de idade representa o suave papel do Senhor Tentáculos – o que é sem dúvida um feliz capítulo final para uma carreira gloriosa⁹.

O demónio no cercado

Quando a mulher recuperou os sentidos já o homem andava de um lado para o outro, cambaleante, a investigar o terreno. Muito tinha mudado. Havia grandes marcas de trigo queimado até à colina próxima; duas árvores estavam

9 - Em jeito de epílogo, Vasquez Morgado afirma que a frase «o leão satisfeito é o mais perigoso de todos» foi dita por um locutor da Emissora Nacional durante a emissão de 25 de Abril de 1974 (*ob. cit.*) mas nenhuma outra fonte o confirma.

derrubadas e um pedaço de terra parecia ter explodido, deixando à vista um buraco profundo.

Não foi um sonho.

Mas agora tudo parecia normal, até o céu, que, embora vermelho e escuro, tinha o aspecto normal do anoitecer. Já não parecia o Inferno.

Pôs-se de pé. Sentia-se um pouco tonta mas aguentava. Quando começou a andar, percebeu que não tinha o sapato esquerdo calçado. Olhou em volta mas não o viu. Decidiu ser prática e tirou o direito. A saia também estava rasgada mas essa não podia remediar.

Quando avançou para o homem, notou que perdera as sobrancelhas e o halo de cabelo que lhe restava. Além disso, tinha o sobretudo chamuscado até à cintura.

Ele notou-a e gesticulou que não se aproximasse mais. Mas era tarde. Viu as três figuras carbonizadas, e mais do que isso, sentiu-lhes o cheiro. Era agoniante.

Só percebeu que as pernas lhe tinham fraquejado quando se viu caída por terra e o homem a tentar reanimá-la.

– Sente-se bem? – perguntava. Como era possível fazer uma pergunta dessas, pensou ela.

– Quem eles eram? – tinha a boca seca e a garganta ardia.

– Não ouviu a conversa? Ora, eram agentes da...

– Não, não eles – sacudiu a mão na direcção dos corpos. – Os outros. Os seres.

O homem estremeceu. Depois encolheu os ombros.

– Anjos? Demónios? Foi intervenção divina. Só pode ter sido. Sem ela...

– A gente ia morrer, não ia?

O homem voltou a encolher os ombros.

– É melhor irmos embora – foi a resposta dele.

[...] O carro ainda se encontrava na curva. As chaves estavam na ignição. O homem tirou o sobretudo a custo. Tinha o braço cheio de sangue. Ela calou um grito.

– Não é nada. A bala passou de raspão. Entre.

O homem meteu-se à estrada. Não havia vivalma naquele final de dia. O mundo parecia em repouso, como se tivesse exaurido todas as forças.

– Para onde estamos indo? – perguntou a mulher.

– Para a estação, onde você vai apanhar o comboio para sul e depois o barco. Não fale com ninguém. Quero que volte para o Brasil. Não é seguro noutro lado. Logo que puder, vou ter consigo – havia algo na voz do homem de que ela não gostou.

– Não falo com ninguém? Não digo que estamos vivos?

– É isso que não quero que se saiba para já. Isto teve mão de dentro. Não podemos confiar em ninguém. Deixá-los ficar na dúvida. Além disso... tive uma ideia.

– Mas se não vem comigo... para onde vai?

O homem ponderou. Depois apontou para diante, para o sol poente, para oeste.

– Vai voltar?! – assustou-se ela. – E se for capturado?

– *Conto informar antes os nossos amigos dos jornais estrangeiros. É possível calar o país mas não é possível calar o mundo. Vão ver um gesto desesperado, o gesto de um homem só que se cansou de esperar e resolveu agir por sua conta. Vão ter de falar desse gesto. Se for capturado e se a palavra se espalhar... pode ser que ajude.*

– *Mas que vai o senhor fazer? Que gesto é esse?*

O rosto do homem suavizou-se aos poucos. Era o que lhe costumava acontecer antes de se abrir num grande sorriso.

– *Vou comunicar a demissão a uma pessoa. Uma demissão há muito adiada.*

«*OS ESCUTEIROS E O SER FANTÁSTICO TÊM UMA AVENTURA*», anónimo

Os números especiais de Natal são uma tradição das Edições Exemplares, repletos de mensagens calorosas sobre a amizade, a família, o dever e a virtude de abnegação numa edição com o dobro de páginas face ao habitual, ilustrações a cores e jogos e poemas para a noite de Consoada. No caso particular da *Falcão Lusitano* há sempre uma história na qual uma das personagens queridas do público – o Espectro da Noite, o professor Alves, o Pequeno Bravo Tenente – reconhece que a pobreza e o abandono são os crimes mais cruéis de todos e predispõe-se a ajudar os desfavorecidos. Ninguém estranha, portanto, que o conto de abertura do especial de Natal de 1965 apresente o inocente título de «Os Escuteiros e o Ser Fantástico Têm Uma Aventura».

Quando chegam às palavras finais, os leitores encontram-se em estado de mudo pavor.

«O conto tem de tudo: sacrifício humano, rituais pagãos, possessão demoníaca – e contudo, não é isto que choca. Os actos daquele grupo de crianças não são glorificados, são mostrados com bastante dor e repúdio. As crianças não querem cometê-los mas têm de o fazer em prol de um bem maior. Actos terríveis, sim, mas não tão terríveis quanto os dos adultos motivados por interesses próprios; e, ao contrário destes, não limpam a sua culpa na desculpa de seguir ordens. O que transparece no conto, agora que pode ser lido com a frieza da distância histórica, é uma ausência de acusações e de pretensões em explicar o que realmente se passou nos arrebaldes da terreola espanhola, naquela tarde de Fevereiro; não retrata um acontecimento histórico mas *apropria-o* literariamente para passar uma mensagem bastante humanitária: que cabe a todos lutar por um mundo melhor. É algo que gostamos de ensinar às nossas crianças. Não estamos habituados a que nos mostrem as cruéis decisões e as duras consequências dessa luta. Ainda assim, não deixa de ser um conto de Natal», contextualiza Ventura Matias.

É possível, mas, na época, não é esta a interpretação que vai ter. Mesmo evitando nomes e designações, ninguém deixa de reconhecer o assassinato do General Humberto Delgado, sucedido no próprio ano, que no conto é evitado pela intervenção atempada de uma entidade sobrenatural cuja invocação requer, infelizmente, a entrega de uma vida humana. Representa trazer uma polémica de natureza política para o lar das famílias reunidas na celebração natalícia. Representa apresentar momentos de violência extrema e rituais de sangue aos filhos de uma sociedade conservadora e católica. A reacção é óbvia e não tarda. Os leitores acorrem às bancas de jornais a exigir a devolução do dinheiro. Destroem publicamente os exemplares da revista – e por

que a cólera não distingue, juntam-lhe outras publicações¹⁰. Intelectuais e detractores da *pulp fiction* aproveitam para se erguer, com ânimo renovado, em acusações de falsa literatura. Escrevem-se advertências sobre a subversão perigosa do simbolismo dos super-heróis no desenvolvimento infantil. Fazem-se leituras da natureza erótica nas histórias de «espada e feitiçaria» (estas, há que admitir, com alguma razão). Dizem-se sermões sobre o perigo daquelas fantasias anti-cristãs para a salvação do espírito. E ao entrar-se no novo ano, as instalações das Edições Exemplares são invadidas por um grupo de cidadãos irados, que agridem funcionários e causam estragos na redacção até que a polícia intervém; embora o pior dano venha a acontecer na noite seguinte, quando o armazém da empresa se incendeia. A quantidade de papel ali reunida garante que as chamas avançam rapidamente, pelo que, quando os bombeiros chegam, já não sobra nada de valor para salvar, além das paredes. Desde os primeiros exemplares das primeiras revistas de Assunção aos números mais recentes, passando por edições limitadas e algumas que nem chegaram a sair, tudo desaparece em poucas horas.

Assunção apenas ficará a saber do ocorrido dois dias depois, pois naquele dia encontrava-se em Lisboa, a prestar declarações. O inquérito vai ser extenso e vários responsáveis da empresa serão ouvidos, incluindo Ana Casaca, mas só Assunção reincide, sendo chamado repetidas vezes durante o ano, e acaba por passar um trimestre na prisão. O antigo seguidor dos princípios do Regime (e cuja *Família Exemplar* era um verdadeiro mostruário do triunvirato Deus-Pátria-Família) caiu em desgraça. A rejeição do mercado, obrigando-o a cancelar dois terços da sua produção, o que incluía as revistas mais rentáveis, e a desfazer-se de grande parte do seu património, faz o resto. Suicida-se em meados de 1967.

A inclusão de figuras públicas nas histórias clandestinas da *pulp fiction* não era nada de extraordinário, como se referiu acima. O próprio Humberto Delgado já aparecera em pelo menos três outros folhetins, no passado¹¹; a sua presença mediática tornou-o, indubitavelmente, num ícone popular e logo passível de ficcionalização.

De quem era a autoria do conto e de que modo conseguiu ser incluído numa edição que, como quaisquer outras, passou pelo visto da censura, não será apurado. Quer Matias quer Morgado adiantam hipóteses; Morgado cita a entrevista do *Diário Popular* a um redactor-chefe das Edições Exemplares, numa reportagem sobre o tema publicada em 1975, na qual se adianta que era outro o conteúdo das provas originalmente submetidas aos órgãos censórios, e que o conto veio substituir o inicial já na entrada para a gráfica, antes de ser distribuído na rua. Mas, quando interpelados, os responsáveis da gráfica juraram que ninguém alterara as chapas tipográficas, pois correspondiam ao texto entregue pelo cliente. «A meu ver, quiseram tramar o Assunção... e conseguiram», são as palavras finais da entrevista.

O acontecimento não passa despercebido na imprensa estrangeira, que retrata Portugal como um país de instabilidades sucessivas. Toda esta envolvente acaba por convencer o Governo e no terceiro trimestre de 1966 é publicada uma lei que procura

10 - Embora o alvo da fúria colectiva pareça limitar-se às ficções de fantasia heróica e ficção científica ou que envolvam terror; as revistas de *cowboys* e índios, de detectives, de episódios históricos e romances femininos são, na sua maioria, poupadas.

11 - Num dos quais a revolta de Beja é bem sucedida graças à ajuda de um grupo em tudo semelhante à Quadrilha de Bravos.

restringir os temas abordados pela ficção popular e estabelece regras estritas para a publicação e distribuição das respectivas revistas. O pesado processo burocrático rapidamente se torna num encargo insustentável para a maioria dos editores e o mercado sofre um colapso brutal de que nunca virá a recuperar totalmente. Desaparecem as revistas de aventuras, de ficção científica, de super-heróis, de piratas nos mares das Índias; reduzem-se os títulos de crime urbano e detectives das ruas; é suavizado o tom das histórias de guerra e dos *westerns*. Deixam de circular os folhetos clandestinos virados para a ficção popular. Como gesto final, é publicada uma nova lei que remete todo o espólio das bibliotecas para os arquivos da Torre do Tombo, com uma classificação de confidencialidade que vai retirar todas as edições que possam considerar-se *pulp fiction* da consulta pública durante cinquenta anos – motivo pelo qual não constam dos catálogos actuais.

Livres da concorrência, as edições brasileiras invadem o mercado. Com novas personagens, um grande dinamismo de escrita e um preço mais simpático, rapidamente conquistam os corações dos jovens, destronando os autores nacionais (a ponto de alguns acabarem por migrar para o Brasil). Quanto às publicações clandestinas, verifica-se uma tentativa de renascimento mas o ímpeto passou e a nação, na viragem para a década de 70, já não se compadece com insinuações veladas no papel. A *pulp* voltou a ser domínio exclusivo da miudagem, e a banda desenhada de humor, bem como as histórias de *cowboys*, assumem a liderança.

O Ano Negro tinha passado e deixado a sua herança.

O século num minuto

É um paradoxo pensar que um género que gozava de uma imensa popularidade e cuja produção chegou, no global e a dado momento, a ultrapassar a centena de milhares de exemplares seja agora tão difícil de encontrar. Não se trata apenas da inacessibilidade legal, atrás indicada, aos arquivos bibliográficos (os quais, para todos os efeitos, poderão revelar-se incompletos) mas da própria escassez do circuito livreiro de segunda mão, no qual raramente surge alguma revista – e quando surge, é adquirida de imediato por um dos vários colecionadores particulares, que mantêm uma vigilância de predadores. Descerrar as bibliotecas destes seguidores devotos equivale a abrir uma cápsula do tempo e mergulhar numa época que já não existe. Mas não é suficiente. Que edições sobreviverão ainda nas estantes e baús das famílias do país? Conseguiremos recuperar esta herança cultural por completo ou será que a *pulp fiction* se rendeu à sua natureza de consumo imediato, deixando que a fragilidade do papel barato, da composição descuidada e da escrita apressada a fizessem desaparecer no horizonte da História? Seria de esperar que as redes sociais baseadas na internet suprissem as actuais lacunas de conhecimento, mas essa tendência tarda em acontecer.

Pois adivinha-se vasto e rico o manancial literário daquelas três décadas de intensa actividade. Não será a presente selecção de contos e breves notas de introdução que os acompanham, constrangidas pelos limites físicos de um livro impresso, capaz de fazer juz sequer ao que é conhecido. Tanto fica por mostrar. Não se examinaram as revistas ao pormenor, nem as estratégias dos editores para mantê-las rentáveis e apelativas. Não se falou das pequenas modas ficcionais – de como, em dado perío-

do, os autores foram chamados a contribuir com narrativas sobre heróis e perigos da aviação, ou sobre encontros com civilizações avançadas de selvagens em África, para, a seguir, os temas desaparecerem, quais filões esgotados. Não se traçou a interessante evolução de algumas personagens ao longo dos anos, resultado do diálogo constante entre autores e público. Não se estabeleceu o paralelo indispensável com o género americano, que ia aparecendo em traduções – adiantado ao nosso em cerca de trinta anos, acabou por esgotar-se na década de 50, num anúncio precoce do fim da vertente lusitana. E, pela má condição do único exemplar encontrado, não foi possível incluir – como muito se teria gostado – o «mapa pulp da cidade de Lisboa» que um leitor enviou para a redacção da *Falcão Lusitano* em 1949, tendo inscrito nele os vários locais alfacinhas, de Alfama a Belém, em que se situavam as histórias mais famosas da época, em jeito de diagrama visual da realidade paralela que só a ficção popular era capaz de ver.

Acima de tudo, não foi possível ilustrar devidamente a influência mútua entre quotidiano e literatura, que é afinal o grande apanágio da ficção popular: perceber de que modo acontecimentos como a guerra civil espanhola, a Segunda Guerra, a situação colonial e as polémicas de ocasião iam determinando as opções dos autores – questões na mente da sociedade, de que a *pulp fiction*, num misto de oportunismo, popularidade e relevância, se apropriava à pressa, menos interessada numa reflexão ponderada do que num fim muitas vezes estritamente comercial. Independentemente dos possíveis exageros e injustiças que o futuro atribua às opiniões vinculadas, é na literatura, nesta literatura em particular, que as épocas surgem vivas, puras, cristalizadas no âmbar narrativo. Ou como diz Ventura Matias no início da sua obra: «Se os clássicos são eternos, a ficção popular identifica uma geração».

Não quiseram estes breves apontamentos ter outro propósito que apresentar alguns dos principais eventos do género no século XX, para melhor enquadrar as introduções aos contos que encontrarão nas próximas páginas. Muitas e variadas são as histórias por detrás da História da *pulp fiction* lusitana, tão ou mais rocambolescas que uma saga do inspector Malaquias e repletas de mistérios para os quais não se conhece, ainda hoje, resposta. Desde o início sentiu-se que uma verdadeira homenagem ao género teria de extravasar a mera inventariação bibliográfica e apresentar os seus autores – e a época – em pleno; falar, não apenas da alma, mas também do corpo.

Afinal, sem o trabalho pioneiro de todos aqueles agentes – sem a visão de Assunção e a reciprocidade de Silveira – sem a criatividade de Casaca, Moreira, Fialho, Carvalho e todos os demais autores – este género jamais teria existido.

O livro

O formato da presente obra – bem como a ideia inicial para a sua realização – inspira-se em grande medida n’A *Voz do Povo*, uma extensa recolha antológica da *pulp fiction* desde os anos 30 até à data de publicação em 1976, organizada por Vasquez Morgado, professor de História de Literatura Portuguesa. O apreço de Morgado pelo género é cativante, transparece nos comentários e guia as decisões de estruturação. Os contos são apresentados, sempre que possível, em fac-símiles das edições originais, pois é sua opinião que muita da atmosfera dos *pulps* reside na apresentação de

época e na sensação de fragilidade, de existência perene... quase como se a revista se desfizesse nas mãos enquanto era lida, algo contrário à solidez do livro encadernado.

Quisemos manter este efeito. Na impossibilidade, porém, de obter a maioria das edições originais, fomos obrigados a utilizar como fonte a própria antologia, o que resultou na bizarra circunstância de fac-similar o fac-símile. Esperamos ter sido bem sucedidos.

Como Morgado, adornámos os contos de pormenores curiosos sobre os autores e as edições. O género está repleto de episódios, curiosidades e até alguns mistérios por desvendar, que conseguimos recolher de várias fontes. Uma investigação mais apurada e em mãos mais capazes certamente descobrirá outras histórias e apresentará respostas, mesmo que destape novas interrogações.

Encerramos com as palavras de Morgado:

[A *pulp fiction*] entranhava-se no quotidiano da população. Não apenas como forma de escapismo mas como plataforma de expulsão dos anseios e debate dos grandes temas do momento. As personagens não existiam meramente no papel mas na imaginação colectiva. Tão imprescindível era o conforto da imaginação que, quando o conto fatídico se imiscuiu na intimidade dos lares com toda a sua nudez sobre a crueldade do mundo real, os apreciadores sentiram-se lesados, traídos, despojados do sonho – o que talvez explique os exageros cometidos.

Mas a verdade é que a literatura nunca esteve tão *viva* como naquele preciso instante. Nunca teve tanta relevância, nunca andou tanto na boca do mundo.

Não é este o sonho de qualquer literatura marginal?

Foi o culminar dos Anos de Ouro da *Pulp Fiction* Portuguesa.

Luís Filipe Silva

Introdução a
O Segundo Sol
de Ruy de Fialho

Se é possível afirmar que a grande maioria dos autores da *pulp fiction* portuguesa ingressou no meio, mais por necessidade ou circunstância do que por vocação — uma necessidade quase sempre de índole financeira e uma circunstância normalmente ditada pelo exercício de uma profissão ligada às letras, como a de jornalista ou professor —, Ruy de Fialho será, sem dúvida, a exceção que confirma a norma.

Ruy de Fialho nasceu Ruy de Mendonça Gama de Fialho Lima, na pequena povoação da Horta, ilha do Faial, em 1889 e viria a falecer em Lisboa em finais de 1960. A sua família era uma das mais importantes e abastadas dos Açores, na época, mantendo negócios com vários comerciantes da ilha, com particular destaque para o pai de Manuel de Arriaga. Fialho viria a cruzar-se com o primeiro Presidente eleito de Portugal aquando da sua passagem pela Universidade de Coimbra, da qual Arriaga era reitor. Contam os amigos do autor que tinha pendor para a irreverência, e que só a proximidade entre as duas famílias salvou Fialho de ser expulso e enviado de regresso aos Açores.



Elegante, charmoso e confiante, a alcunha de Ruy de Fialho era “o sheik”

Fialho era, assim, suficientemente endinheirado para não sentir pressa em encontrar uma profissão ou concluir uma instrução formal. Se completou a última, foi por insistência do pai, doutorando-se em advocacia, mas nunca chegaria a exercê-la. Preferiu concentrar-se no teatro, encenando e representando peças suas nos palcos amadores ou em espectáculos de rua. A personalidade extrovertida juntou-se à boa aparência, para gáudio do público feminino, junto do qual gozava de boa reputação. Será também nesta época que começou a escrever os primeiros folhetins, histórias de crime e mistério com muita ingenuidade à mistura, que lia e interpretava nos bares locais e que no máximo chegavam às tipografias da faculdade.

O idílio rapidamente terminou, pois ao regressar aos Açores, descobriu que o pai já lhe traçara o destino: enviá-lo para o consulado português em Londres, com o propósito de introduzir o filho numa carreira política. Fialho rapidamente converteu o fardo numa vitória: Londres é o

Nota: Fac-símile da versão inédita em *Histórias de Guerra*, n.º11, de 1948.

ambiente propício para a sua personalidade desenvolta. Através dos contactos diplomáticos, irá conhecer dramaturgos e gente do teatro, escritores e personalidades de época, e inclusive participar em algumas peças, sempre a coberto do anonimato para não chegar aos ouvidos do cônsul nem, por interposto agente, do pai. Dessa época animada da sua vida não existem registos detalhados — Fialho era pouco dado a anotações biográficas, e não se conhecem entrevistas relevantes sobre a sua vertente criativa, além da que prestou em finais dos anos 50 ao então jovem Matos Maia para a Rádio Renascença. Infelizmente, não existe sequer uma gravação integral desta conversa — Maia terá aproveitado uma das raras deslocações de Fialho ao continente (diagnosticado com uma doença incurável, o autor decidira em 1955 mudar-se definitivamente para os Açores e passar lá os últimos anos) e gravado a entrevista no hotel, mas nunca conseguiria emití-la porque, na confusão entretanto decorrente da sua versão radiofónica da «Invasão dos Marcianos», pela qual teve de prestar depoimentos perante a PSP, acabaria por perder metade das bobinas. Só passados dois anos, aquando do falecimento de Fialho, é que o jornalista apresentou uma peça da rádio em que reconstituía de memória, com os enganos inerentes, as respostas perdidas.



Escritora e tradutora,
Dorothy Sayers poderá ter-se
cruzado com Ruy de Fialho.

Uma das histórias possivelmente mais improváveis que transpareceu na entrevista terá sido o alegado encontro de Fialho com Dorothy Sayers, a reputada escritora britânica de Mistério e que, segundo ele afirmou, teria influenciado a criação do Visconde de Valdevez. O Visconde — que não representa nenhuma nobreza, mas a alcunha irónica pela qual é conhecido o vendedor ambulante protagonista — foi criado durante o período londrino, contra o «enfado de certas atitudes portuguesas em terras estrangeiras». Este personagem salta de terra em terra, levado por afazeres profissionais que nunca se conseguem precisar com clareza, imiscui-se de imediato num enigma, crime ou desaparecimento de gentes locais, e acaba por ajudar a encontrar a solução. Bom observador, e em particular, bom ouvinte, socorre-se da sua natureza de estranho e passageiro para que lhe confidenciem pormenores que escapam aos elementos da Guarda.

Apenas se poderá falar em influência literária (se é que existiu) na forma de contraste: Lorde Peter Wimsey é um cavalheiro britânico, culto e elegante, o perfeito negativo do boçal Visconde, amigo do vinho e da ocasional costureira, sempre volátil e barulhento nas suas opiniões políticas. Em ambos os autores existe, no entanto, uma necessidade de crítica mordaz à sociedade, apesar de Fialho se referir a Eça (o maior romancista da língua portuguesa, na sua opinião) como uma grande inspiração. Fialho também

se refere a Wimsey como «inumanamente perfeito», e, de facto, em «O Homem Que Se Dividiu em Dois», o Visconde afirma que tem orgulho nas suas fraquezas, defendendo que é assim que, melhor que ninguém, consegue entender a mente criminosa.

Os contos seriam finalmente publicados entre 1927 e 1931 no jornal açoriano *A Visão Insular* na forma de crónicas do «jornalista» Marques Matias, que teria «entrevistado pessoalmente o Sherlock minhoto».

Se efectivamente Fialho conheceu Sayers ou se se tratou de um equívoco por parte da reconstrução do entrevistador, eis outro dos pequenos enigmas que povoam o género popular lusófono. São pequenos indícios que o alimentam. Por exemplo, a convite expresso de António Assunção, o escritor contribuiria, em final de vida, para a revista *Família Exemplar* com uma vinheta de duas páginas em que ressuscitava brevemente o Visconde — que, já velho e pançudo, ajudava uma criança da aldeia a encontrar o seu brinquedo desaparecido, demonstrando assim à pequenada os truques da capacidade dedutiva. Ora, Bruno Câmara, no ensaio «Ovelhas Negras da *Família Exemplar*: A Crítica Social na Ficção Popular Portuguesa», faria um particular destaque à dedicatória no final deste conto: «A D.L. — *a gentleman never reveals a secret*», lembrando que Sayers tinha morrido no ano anterior ao da publicação...

Câmara diverte-se a especular sobre uma possível intriga amorosa entre Fialho e Sayers, ou talvez ele simplesmente conhecesse a verdade a respeito do filho escondido da autora. Não há, no entanto, quaisquer indícios para fundamentar com legitimidade estas hipóteses.

Talvez mais intrigante seja a ausência de referências a Ana Sofia Casaca, que habitava em Londres na mesma época e que seria quase impossível — pela coincidência do meio artístico frequentado e pelo facto de partilharem interesses de escrita — não ter conhecido. Sem dúvida que viria a encontrá-la mais tarde, já casada com Assunção, em alguma das festas organizadas pelo empresário que eram frequentadas pelas famílias de bem da nação, pela nobreza caída (pelo menos, a que caíra em colchões de ouro), dignatários e políticos.

Fialho acabou por regressar a Portugal a pedido do pai, que pretendia passar o testemunho do negócio de família, e ainda que não assumisse de imediato o seu comando, decidiu constituir família, casando com a filha de um fornecedor brasileiro de café, da qual teria dois gémeos no ano seguinte. O ritmo da escrita diminuiu, embora se intensificasse o da publicação — prova de que recuperava textos da gaveta escritos nos anos anteriores, os quais se centravam quase exclusivamente em temas



Repórter X de Novembro de 1930 com o conto *O Dandy* de Ruy de Fialho

policiais e detectivescos. Contos que foram sendo publicados nos jornais da região, na *Repórter X*, na *Detectives Fabulosos* e em diversos outros locais de que nem o próprio autor manteve registo.

A Segunda Guerra viria a transformar-lhe o estilo: o que era uma escrita algo ingénua, despreocupada e concentrada no seu próprio novelo de dedução, tornou-se em algo amargo e cínico, à medida que ia recebendo cartas e relatos do estrangeiro, as quais pintavam um cenário mais negro do que era contado oficialmente pelos órgãos portugueses. Fialho chegou, clandestinamente, a enviar fundos pessoais para a causa dos Aliados, antes de ser descoberto pelos primos, com quem tinha sociedade na firma e que ameaçaram expulsá-lo do Conselho de Administração se repetisse o acto; de acordo com Paulo de Fialho, um dos filhos, teria inclusive viagem marcada para Londres, para se encontrar com uma figura do governo britânico, e só se demoveria a pedido insistente da esposa.

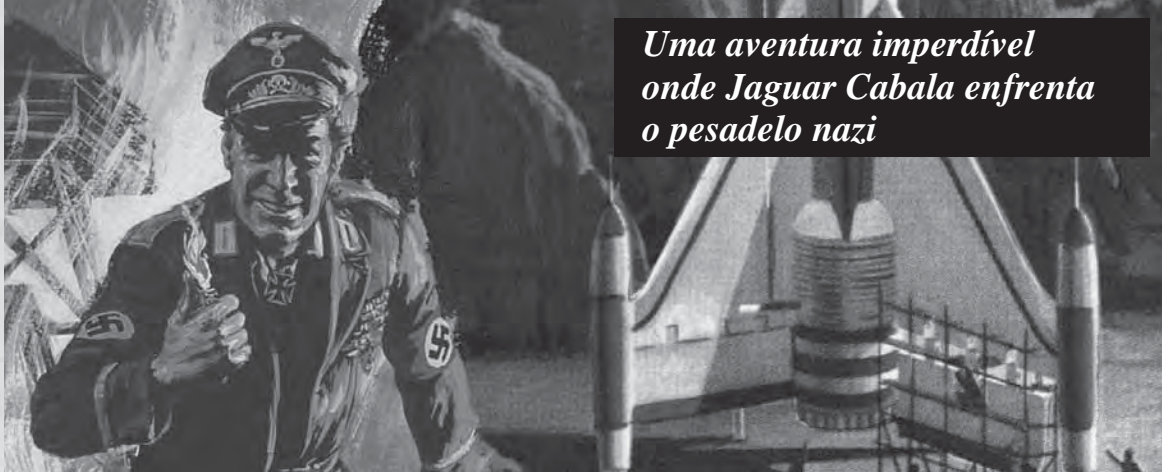
Fialho terá produzido, após o final a guerra, um conjunto de histórias sobre espões e movimentações alemãs em território português, mas, insatisfeito com o resultado, enviaria poucas para publicação.

Constituiu excepção a saga de Jaguar Cabala, da qual Fialho teria escrito quase uma dezena de textos antes de enviar o primeiro para *Histórias de Guerra*, um dos projectos editoriais de Edgar Silveira cancelado por questões financeiras. Desde o sucesso inicial do Sentinela e do rompimento com Assunção que Silveira procurava (por vezes, com desespero) um novo filão de vendas, mas a falta de sorte, talento, ou, mais provavelmente, o aguerrido controlo do ex-sócio a nível da distribuição e dos pontos de venda dificultavam a colocação do produto junto do público-leitor. O número 11 das *Histórias de Guerra* chegou assim a ser paginado e impresso, mas Silveira deu instruções para não ser distribuído, a não ser pelos colaboradores, pelo que Jaguar Cabala nunca teve hipótese de brilhar.

O conto que aqui se apresenta é, então, inédito, tendo sido obtido por generosa permissão da família a partir de uma edição que o público português não chegou a conhecer.

O SEGUNDO SOL

texto de RUY DE FIALHO



*Uma aventura imperdível
onde Jaguar Cabala enfrenta
o pesadelo nazi*

I

Numa noite quente, em meados de Setembro de 1944, um homem de estatura baixa, trajado como é costume entre as gentes do Baixo Alentejo, observava com um par de binóculos uma base militar alemã, plantada em pleno solo lusitano.

O nome do homem era Jaguar Cabala. Não me pergunte, caro leitor, a origem de nome tão pitoresco, pois não a sei; nem tão pouco lhe saberei indicar, sequer, se é esse o verdadeiro nome desta figura resiliente, que permanece há horas, desde o pôr-do-sol, estudando o seu alvo, imóvel como uma gárgula de pedra. Quanto à sua proveniência, é uma incógnita. O leitor perdoe-me a ignorância, e logo nas primeiras linhas da nossa história - mas estamos aqui a lidar com um homem excepcionalmente reservado e secreto; embora, pelo pouco que dele conheço, também algo

excêntrico. O seu passado permanece por ora tão oculto como a sua silhueta, alinhada de maneira perfeita com o topo do rochedo onde fez quartel.

Não era segredo nenhum que Portugal, dado o seu estatuto de neutralidade em relação ao conflito bélico que há tão pouco tempo abocanhara o resto do mundo civilizado, se havia tornado num ponto de trânsito e de conluio para toda a espécie de gente. Mas os Nazis gozavam de um tratamento especial, se não pela parte do povo português, então pela parte do seu governo; o que, no fim, era o que convinha aos alemães.

Mas nunca se ouvira falar de tal audácia! Construir uma base militar, e ainda por cima nas entranhas do nosso país!

Cabala, que observava o hangar da base já há algum tempo, perdeu de repente quase toda a visibilidade. Olhando para cima, viu que a Lua, que iluminava toda a planície como se um sol, fora tapada por nuvens bojudas. O rosto de

Cabala, até então impassível e fechado, abriu-se num sorriso cortante. Guardando os binóculos numa sacola, conferiu o relógio e as notas que tinha estado a tomar. Depois guardou esses objectos também e, lentamente, recuou na rocha, até se encontrar de novo ao abrigo do chão macio. Depois apanhou passo, descendo o monte com a agilidade de uma cabra-montês, tentando não se expôr demasiado nem soltar gravilha. Era o fim do Verão, e as cigarras abafavam todos os outros sons com a sua cacofonia infernal; mas Cabala comportava-se como havia sido treinado, sempre com a cautela de um agiota.

Passar o campo de minas e a cerca electrificada não foi difícil, mas o pior vinha agora. Ao contrário do que a segurança exterior poderia levar a crer, algo de muito importante se passava naquela base. A prova disso era o tamanho excepcional das instalações. O número de soldados das SS presente e os padrões das patrulhas, muito mais apertados do que é normal, aumentaram-lhe as suspeitas. A base, curiosamente, não parecia dotada de equipamento anti-aéreo.

A coberto da escuridão, Cabala entrou pela zona sul, onde se situavam as casernas, e onde a vigilância apresentava falhas. Aí esperou, impaciente, pelo primeiro soldado que passasse, e que não estivesse em patrulha. Com a rapidez e silêncio de um relâmpago, atacou-o por detrás e pô-lo inconsciente antes que este pudesse gritar por socorro. Depois trocou de roupa com ele, e aventurou-se para norte, saindo da zona de habitação.

Aí, do lado Este, situavam-se três edifícios, o maior dos quais era o han-

gar, no extremo da base. A Oeste, o mais importante a assinalar era uma pista de aterragem e um estranho sistema de rampas e carris que se situava em frente ao hangar. Essa zona, que no restante não passava de um descampado, ocupava uma área anormalmente grande da base. Foi para lá que Cabala se dirigiu, mantendo-se colado aos edifícios e às sombras, tentando ao mesmo tempo não parecer suspeito.

Mas, no momento em que avançava a coberto de uma fila de camiões, algo de completamente inesperado aconteceu: foi surpreendido por três soldados das SS armados com metralhadoras, que saíram ao seu encontro da esquina do último camião. Instintivamente, encolheu-se, assumindo uma posição quase felina, pronto a tentar arriscar uma corrida contra as balas. Mas, mesmo com o aturdimento dos sentidos que uma surpresa tão súbita costuma causar, e com a guincharia agressiva dos soldados, Cabala pressentiu outro perigo.

Foi tarde de mais que olhou para cima, apenas a tempo de ver um vulto enorme saltar do topo de um camião para cima dele. Ouviu uma campainha aguda retinir dentro do seu crânio, e depois tudo se apagou à sua volta.

II

Uma sensação súbita de frescura arrancou-o do torpor em que havia mergulhado. Quando a consciência lhe começou a voltar, num vai-e-vem de ondas espasmódicas, apercebeu-se de que alguém lhe tinha atirado água fria para a cara. Ouvia vozes, mas não as conseguia ainda distinguir, pois tinha um zumbido persistente nos ouvidos.

Nesta altura do campeonato, tinha a

noção clara de estar algemado a uma cadeira, e de ter o corpo todo amassado. Fez um esforço para se soerguer e abrir os olhos. Viu vultos ofuscantes dançar à sua frente, vagos como fantasmas. O zumbido permanecia, mas as vozes tornavam-se agora claras, e ganhavam tonalidades individuais.

O vulto do meio pareceu aproximar-se ligeiramente do nosso herói. As outras vozes calaram-se, e apenas restou a que devia pertencer a essa incerta figura. Cabala, embora com esforço, conseguia finalmente ouvi-la alto e bom som Falava alenão, pronunciado num tom mordaz:

«A boca de uma rapariga, que já há muito jazia nos juncos, tão carcomida parecia. Quando lhe abrimos o torso, o esófago estava tão cheio de buracos. Por fim, numa cavidade debaixo do diafragma, encontrámos uma ninhada de jovens ratos. Uma pequena ratinha jazia morta. Os outros viviam de fígado e rins, bebendo o sangue frio e gozando uma bela infância. E bela e lesta foi a sua morte também atirámos com o bando inteiro para a água. Ah, como as pequenas pestes guincharam!»

Estas palavras, de tão assombrosas e repugnantes que eram, despertaram por completo Cabala. Fazendo um esforço definitivo para se endireitar, recostou-se na madeira fria da ca-

deira e o seu olhar fulminou com uma desconfiança quase animal o autor da declamação.

- Ah, mas vejo que o nosso convidado tem alma de poeta! Sim, porque o verdadeiro artista nunca deixa de reagir ao apelo das Músas! Um balde de água gelada não chega para o despertar, é preciso mais! São precisos versos! Portanto... diga-me: presumo que saiba alenão?

Mesmo antes de recobrar por completo o norte, Cabala já havia tirado as medidas ao seu interlocutor. Oficial das SS. Inteligente, culto. Seguiu as directivas estéticas do regime nazi, mas no fundo deleitava-se com a “arte decadente, subversiva” que este havia banido. E esta contradição estendia-se aos restantes aspectos da sua personalidade. Mecânico, calculista, mas extravagante. Sádico. Uma fera racional. Um paradoxo. Sim, Cabala conhecia bem - bem de mais - tal raça de homens.

E não estava enganado. À sua frente encontrava-se um homem de estatura média, de rosto austero em tudo, excepto no sorriso, que era caloroso mas cruel. Óculos de aros de tartaruga. Olhos frios, mas cheios de vivacidade. E, de facto, por debaixo da gabardina pesada (impensável naquele clima insuportavelmente quente), trajava o tenido uniforme das Waffen-SS. Outras duas personagens ocupavam a pequena sala mal iluminada: o brutamonte que o havia acochado nos canhões, um espécime físico imponente, que segurava nas mãos um balde de água, e...

E nisto o rosto de Cabala contorceu-se num esgar de funesto reconhecimento. No canto mais escuro da sala, perto da

porta, encontrava-se um velho conhecido. Devia ter a altura do nosso protagonista, e envergava um fato preto, com gravata e chapéu a condizer. A sombra ocultava-lhe a maior parte do rosto, mas os olhos, que pareciam acender-se no escuro com o brilho pálido de uma navalha, fitavam-no com familiaridade.

Os dois olharam-se fixamente por alguns segundos, até o oficial os interromper.

- Vejo que já se conhecem *Herr Spiegel*, que felizmente o reconheceu imediatamente, fez-me o favor me pôr a par sobre a sua identidade. O que, apesar de tudo, é pouco, muito pouco, convenhamos.

- Espiga - disse Cabala com voz rouca.

- Como? - disse o oficial, surpreso.

- O nome dele é Espiga, e não Spiegel, seu humo iletrado... Mas como bom lambe-botas que ele é, nem isso se deu ao trabalho de lhe corrigir.

- Spiegel, Espiga... que interessa? - Virou-se para Espiga. - Por certo não me levará a mal, *mein kamarade*?

A última frase parecia ter sido proferida em tom jocoso. O agente da PVDE mexeu-se com visível incômodo no seu canto.

- Isso agora não importa. Vamos ao que interessa - respondeu, num alenão fraco e esforçado.

- Sim, sim.. - disse o oficial, parecendo maçado com a falta de lustro do "kamarade". - Até porque o tempo escasseia. Vejamos... Jaguar Cabala, não é assim? - e virou-se para o agente da PVDE, que assentiu - Que nome tão exótico. Pois bem, *Herr Cabala*, vai fazer-nos o favor de dizer porque é que decidiu aparecer neste

sítio em particular, e nesta noite exacta.

- Continue a tentar fazer-me o ninho atrás da orelha. Talvez apanhe um fraquinho por si - replicou o nosso herói, com consumada cara de pau.

O rosto do oficial mostrou um sorriso divertido. O brutamontes torceu as ventas. O sujeito do PVDE limitou-se a parecer ainda mais impaciente do que já estava.

- Vejo que acordou espirituoso e de mau humor, *Herr Cabala*. Mostra a teimosia típica do seu povo! Uma teimosia que é completamente desprovida de inteligência. O nosso amigo comum relatou-me as suas façanhas... pelo menos as de que o governo português está ciente. É um homem viajado...

E nisto o olhar do oficial tornou-se mais penetrante.

- E talvez seja também um homem lido - continuou - Acaso reconhece o poema que recitei há instantes?

- Isto é algum teste? Sim, conheço Bern. Mas vocês não baniram a obra dele, porque era considerada degenerada?

- Sim, infelizmente nem toda a grande Arte é compatível com a visão... estética do nosso Führer. Mas o Führer é um imbecil.

O brutamontes pareceu ficar aturdido perante a afirmação crua do oficial. Mas Cabala e o corvo encostado no canto da sala nem o sobrolho levantaram. Pairou o silêncio por breves instantes.

- O que diz... - foi a réplica atrasada de Cabala, tentando emular um sorriso trocista. - Um imbecil? Sabe o que a sua laia lhe faria se o apanhasse a dizer isso?

- Provavelmente pendurar-me-iam na ponta de uma corda, pelo pescoço, não? - respondeu o oficial, com uma expressão

provocadora. - Ou então, talvez recebesse a benesse de um pelotão de fuzilamento. Abatido, como um cavalo velho e doente! Conseguia imaginar-me?

Cabala quase que respondeu “sim perfeitamente”, mas algo o impediu. A cena era demasiado macaca para poder ser verdade. Seria o oficial completamente chanfrado, ou simplesmente um excêntrico entediado? Não, não, havia algo mais... algo que estava a incomodar o nosso herói desde que aquela conversa sem pés nem cabeça se iniciara. Havia no oficial das SS algo de estranhamente familiar. Mas o quê, diabos? Cabala voltou a fitar o tipo, com a desconfiança arguta de uma fera que caminha enfeitada para a bocarra medonha dum armadilha.

- Qual é o seu jogo, afinal? - exclamou - Em vez de insultar o seu querido Führer e recitar poesia medíocre, não devia estar mais preocupado com a minha presença nesta base? E se eu dei as coordenadas aos meus superiores?

O rosto do oficial animou-se.

- Oh.. está a querer provocar-me, Cabala? E quem são, exactamente, os seus superiores? Os americanos? Os ingleses? É isso, os ingleses? Devo esperar uma comitiva de Lancasters para breve?

O oficial estava a jogar com ele. Mas era um jogo que ele também sabia jogar bem. No entanto, estava a incomodá-lo a atitude contida e leniente de Espiga. Poeira Espiga e ele já se conheciam há muito - no sentido em que eram inimigos jurados de morte. Cabala conhecia bem o carácter daquele homem dedicado e eficiente. O seu silêncio incómodo face àquela situação tão absurda era suspeito, no mínimo.

- Mas não, não creio que sejam os ingleses... - prosseguiu o oficial, fingindo-se absorto nos seus pensamentos. - Aliás, tenho a certeza - aqui os seus olhos focaram-se de novo com intensidade em Cabala. - E, para além disso, sei a maneira perfeita de o comprovar. Cabo Hegel!

O brutamontes pousou o balde de água no chão, e, sem dizer uma palavra, colocou-se por detrás de Cabala e tirou-lhe as algemas. Cabala contraiu o seu corpo de novo, involuntariamente, esperando mais perigos imprevisíveis.

- De pé! - ordenou o oficial com rispidez.

Cabala ergueu-se a custo, mas mal o fez, foi agarrado pelo colosso Hegel, que o atirou como um boneco de trapos para o fundo da sala, que era obscura e sem mobília.

- Agora - começou o oficial, sempre em jeito de troça, enquanto Hegel punha a cadeira a um canto - o intruso Jaguar Cabala irá ter uma oportunidade de mostrar quem realmente é. O Cabo Hegel irá atacá-lo. Pode defender-se como entender, que não o iremos travar. É do seu interesse dar o seu melhor, uma vez que instruí o cabo no sentido de o matar.

Cabala levantou-se, algo zozzo, e contemplou a situação que se desenrolava à sua frente: o cabo Hegel avançava para ele de faca em punho; e na parede do fundo, o oficial e Espiga observavam a cena de pistolas em riste, no caso de algo correr mal.

O primeiro corte apanhou-o no braço esquerdo, de raspão, rasgando-lhe pouco mais do que pele e a camisa suja e ensopada em suor. Mas a dor ardente que o ataque provocou teve o condão imediato

de o despertar. A sala era pequena, mas larga o suficiente para lhe permitir circundar o temível Hegel, fora do alcance da faca. Esta era segurada pelo colosso ao contrário, com a lâmina virada para baixo, no jeito peculiar do vilão de um filme de capa e espada, como o leitor sabe com certeza. Quanto ao nosso Cabala, estava completamente indefeso; a faca de nato serrilhada e outras armas de porte ligeiro que escondera na sua roupa haviam sido levadas aquando a sua detenção. Pobre diabo, que até o Gavião dos Mares ou o Pimpinela Escarlate dispunham de um estilete ou de um sabre para se desemrascarem quando encurralados a um canto! Mas não se distraia agora, caro leitor – voltemos à acção, pois que estamos num ponto crucial.

Hegel zuniu de novo a sua arma, numa trajectória linear, limpa, rápida, falhando por pouco o lombo de Cabala. Havia maneiras mais rápidas de matar um homem com uma faca: bastava a Hegel, naquele espaço confinado, trazer a faca até junto do corpo, e carregar sobre o seu oponente como um jogador de raguêbi. Uma vez encostado a ele, era só cravejá-lo furiosamente com a faca, até ele parar de se mexer. Era uma técnica suja, eficiente, e era assim que a súcia nas ruas matava, como quem fura sacos de farinha.

Mas Hegel queria divertir-se. O rosto duro e impecavelmente barbeado do cabo iluminava-se de uma maneira infantil a cada estocada que quase atingia Cabala. Este tentava rodear o outro pelo lado da sua mão desarmada, de modo a poder agarrá-lo por trás. Em circunstâncias normais, Cabala, mais pequeno e ágil que o seu oponente, teria a

vantagem em termos de velocidade; mas o seu corpo amassado reagia agora de um modo exasperantemente lento.

Hegel deu um passo em frente, e desferiu uma estocada em direcção ao coração de Cabala. Este, quase encostado à parede, não teve alternativa senão saltar para o lado menos vantajoso, que o colocava mesmo no canto da sala, encurralado como um rato. Hegel, sorrindo em antecipação, varreu o canto com a faca, apanhando o ombro da vítima. Depois, num movimento rápido, golpeou de novo Cabala, na direcção oposta, abrindo-lhe um corte na perna. Ainda tentou varrer uma terceira vez, a nível da cabeça do seu oponente, mas Cabala conseguiu saltar para fora do canto e para o centro da sala.

O cabo Hegel virou-se, vagarosamente. Depois, exibindo o seu sorriso bovino, limpou o sangue da lâmina às calças, num silêncio de regozijo. Dando um passo confiante em frente, preparou-se para atacar de novo.

Mas agora seria diferente. Cabala, estranhamente, esperou-o sem se mexer. O oficial e Espiga ouviram-no expirar devagar, e de repente todo o seu corpo pareceu relaxar. O oficial carregou a sobancelha. Parecia ligeiramente ansioso, como se já esperasse aquela reacção.

Hegel tentou golpear de novo Cabala, apontando desta vez à veia jugular no pescoço. Mas o atacante sentiu subitamente o seu braço ser travado, como se tivesse atingido uma parede de ar. E, quase no mesmo instante, algo lhe acertou nos olhos, cegando-o; seguiu-se em simultâneo uma dor lancinante nas partes baixas, que o teria feito ver estrelas,

se ele conseguisse ver. Foi o suficiente para afrouxar por momentos a mão. Quando Hegel tentou varrer o espaço à sua volta, apercebeu-se de que a faca se tinha sumido.

Cabala rodeou o cego e prostrado alemão, e desferiu-lhe um pontapé certo por detrás do joelho da perna de apoio. O corpo de Hegel caiu para a frente, mas antes que tocasse o chão, o braço de Cabala rodeou-lhe o pescoço e puxou-o para trás. Tudo isto se passou num piscar de olhos. Hegel com um joelho no chão, desequilibrado, indefeso. Apercebendo-se da situação, tentou chegar à faca que guardava na bota direita. Mas tal plano teve vida curta: flutuou-lhe por breves instantes no pensamento, e desvaneceu-se. Porque mal Hegel levou a mão à bota, Cabala cravara-lhe a faca no tecido nacio por detrás da clavícula e puxara na direcção do ombro. Um jorro intenso, mas breve, de sangue foi cuspidado da artéria subclávia. Cabala sentiu todos os músculos do corpo do colosso contraírem-se, e depois ficarem lassos. Antes que os espasmos começassem Cabala atirou a faca ao chão, e com ambas as mãos, torceu a cabeça de Hegel no sentido contrário aos ponteiros do relógio, e para cima. Ouvia-se um estalido alto e claro, e segundos depois o corpo imóvel de Hegel jazia no chão, uma poça de sangue rodeando-lhe a cabeça como uma auréola carmesim

(Perdoe-me o leitor mais sensível esta descrição de um acto abominável ao ver dos céus, mas ela havia que ser feita, e acredite que eu sou bom católico como o senhor ou a senhora).

Cabala ergueu-se e fitou o oficial

nos olhos.

- Bravo! - guinchou o homem das Waffen-SS, e nisto disparou um tiro. O nosso valente ainda permaneceu alguns segundos de pé, como olhar enevoado, e depois caiu redondo no chão, junto de Hegel.

III

« Toda a noite. - Aos recém-chegados dizem aqui o sono far-vos-á bem - Mas nos Domingos / espevitamo-los um pouco para os visitantes. »

A primeira coisa que Cabala sentiu ao recobrar a consciência foi a aragem macia da noite no seu rosto. Os versos de Benn, recitados de novo pelo oficial, retiniam dentro do seu crânio como explosões de morteiros. Mas ao abrir os olhos, o incómodo cessou misteriosamente. À sua volta havia um restolhar constante de botas no asfalto fresco, de sons metálicos, e de ordens gritadas em alemão.

Deu por si algemado de novo, com as mãos pousadas no colo. As feridas causadas por Hegel haviam sido envoltas apressadamente em gaze, e encontrava-se de novo sentado numa cadeira, desta vez ao lado do oficial e do agente da PVDE. Mas tais pormenores pouco ou nada lhe prenderam a atenção. À sua frente encontrava-se algo de muito mais extraordinário, e, em vários graus de medida, mais importante.

A área perto da pista de aterragem, em frente ao hangar, estava agora iluminada por uma série de holofotes. A luz era suficiente para permitir trabalhar sem problemas a meio da noite, mas sem chamar demasiado a atenção

ao longe. E, onde há momentos atrás nada existia a não ser rampas e carris, erguia-se agora a silhueta esmagadora de um estranho objecto. Toda aquela faina na base tinha como foco o monstro metálico que estava à sua frente. Cabala mirou longamente aquela novidade, impressionado, mas sem demonstrar surpresa.

De repente, a sua expressão mudou, levou a mão ao peito, como quem acabou de se recordar de algo extremamente urgente.

- Não se preocupe - disse o oficial, reparando no gesto de Cabala. - Foi atingido com um dardo tranquilizante. Nada de muito perigoso. Aliás, agora deve, inclusive, sentir-se fresco como uma rosa...

Cabala pareceu relaxar, mas adoptando ao mesmo tempo a já costumeira postura felina, desconfiada.

- O que fizeram ao outro? - indagou.

- Quem? Refere-se ao cabo Hegel?

Bem, foi levado. Terá um funeral militar com todas as honras, obviamente. Afinal, sacrificou a sua vida para salvar um oficial das Waffen-SS. Os homens cá da base já o respeitavam, mas agora a admiração tomará o lugar do respeito. É muito melhor assim, não acha?

O nosso herói esboçou um esgar de indignação.

- Não percebo porque é que desperdiça bons homens assim. A guerra começa a rebentar-vos no traseiro, como já era de esperar. Vai ser cada vez mais difícil encontrar e formar bons soldados.

- Não sabia que nutria uma empatia tão grande para com as tropas do Reich - replicou o oficial. - Mas está enganado, Cabala. Quanto mais a

guerra se virar contra nós, melhores nos tornaremos. A prova disso está à sua vista. Fizemos em alguns meses avanços tecnológicos que nos levariam décadas em tempos de paz. O Führer enquanto líder militar começa agora a mostrar as suas lacunas. Não passa de um homem pequeno, minúsculo, num mundo enorme. O povo alemão é que deve receber os louros. O povo alemão! Percebe, Cabala? Todos os dias fazemos progressos inimagináveis, incríveis! A nossa superioridade é indiscutível! Com ou sem Hitler! - Fez uma pausa. - Já não precisamos dele, é essa a verdade. Ultimamente, até tem atrapalhado. Falta-lhe audácia no campo tecnológico, falta-lhe visão.

- Quanto mais fala, mais cimento a opinião de que é um louco sem remédio - comentou Cabala.

- Louco eu? Acaso me infiltrei sozinho numa base inimiga, sem qualquer tipo de apoio? E contudo, tal acto é a própria definição da loucura, não concorda? Ou melhor... da imbecilidade. Não me leva a mal eu chamar-lhe imbecil, espero.

- Chame-me o que quiser. Estranhava mais se me propusesse em casamento.

O oficial largou uma gargalhada vibrante.

- Porque é que não me matou ainda? - instigou Cabala. - Nem um interrogatório decente fez. Presumo que se esteja nas tintas para saber informações sobre mim. E isso não faz sentido. Não bate certo.

- O que é que não bate certo?

- Você. Você é que não bate certo. Que diabos pretende de mim?